



GT - 02

2. “NORDESTE CRIATIVO” E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ESBOÇO DE UMA METODOLOGIA PARA O FOMENTO DA ECONOMIA CRIATIVA NO NORDESTE BRASILEIRO

*Cláudia Sousa Leitão**
*Luciana Lima Guilherme***
*Luiz Antônio Gouveia de Oliveira****
*Raquel Viana Gondim*****

Resumo

O presente artigo inicia-se com a reflexão sobre os significados do desenvolvimento e suas conexões com a criatividade e a inovação. O trabalho está estruturado em dois grandes eixos: o primeiro trata do conceito de indústrias criativas e do relato de suas potencialidades na geração de impactos econômicos, culturais, sociais e tecnológicos positivos na alavancagem do comércio doméstico e internacional; o segundo apresenta o conceito de ‘bacia criativa’ para o redesenho territorial do nordeste. A partir desses eixos, apresentamos e propomos o Programa Nordeste Criativo que se constitui de dois projetos: o Observatório das Indústrias Criativas do Nordeste (OICNE) e o Birô de Negócios Criativos (BNC). Relativamente ao projeto do OICNE esboça, ainda, uma metodologia de mapeamento do nordeste brasileiro para o fomento da economia criativa.

Palavras-chave: Desenvolvimento; economia criativa; políticas públicas; bacia criativa; programa Nordeste Criativo

Abstract

This articles begins with a reflection on the meanings of development and its connections with creativity and innovation. The research is structured over two main axes: the first one deals with the concept of creative industries and with the report of its potential in generating economic, cultural, social and technological positive impacts in order to leverage the international and the domestic trade; the second axe introduces the concept of “creative basin” in order to redesign the boundaries of the Brazilian northeast territory. From those axes it is introduced and proposed the Creative Northeast Program, which consists of two projects: the Center for Creative Industries in the northeastern region of Brazil; and the Creative Business Bureau. Additionally, the research proposes an outline of mapping methodology focused on the Brazilian Northeast, supported by the concepts of creative territories and creative basins.

Keywords: Development; creative economy; public policies; creative basin; Creative Northeast Program

* Doutora em Sociologia pela Sorbonne (Paris V), professora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará - UECE e consultora da AnimaCult – Desenvolvimento e Criatividade. (claudiasousaleitao@yahoo.com.br)

** Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, professora da Faculdade 7 de Setembro dos cursos de Publicidade e Propaganda e de Administração e da Faculdade Católica do Ceará dos cursos de Publicidade e Propaganda e Gestão de Marketing. Consultora da AnimaCult – Desenvolvimento e Criatividade. (guilherme.luciana@gmail.com)

*** Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, coordenador adjunto do curso de Administração e coordenador do Núcleo de Práticas Empreendedoras da Faculdade Christus. Consultor da AnimaCult – Desenvolvimento e Criatividade. (luizantonio70@gmail.com)

**** Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, coordenadora de pesquisa do curso de Administração da Faculdade Christus, professora da Faculdade Católica do Ceará dos cursos de Publicidade e Propaganda, Design de Moda e Gestão de Marketing e da Faculdade Integrada do Ceará / Estácio de Sá nos cursos de Design de Interior e Design de Moda. Consultora da AnimaCult – Desenvolvimento e Criatividade. (gondim.raquel@gmail.com)



Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

Considerações iniciais

As políticas governamentais para o desenvolvimento no Brasil nem sempre foram formuladas com a necessária ênfase no protagonismo dos indivíduos-alvo dessas políticas. Por isso, muitas delas não se tornaram públicas, pois não foram construídas nem compartilhadas com as comunidades e populações para as quais eram destinadas.

No novo século, em que o conhecimento e a tecnologia desfazem os velhos mapas geo-políticos do planeta, urge que se reflita sobre os novos significados e alternativas para o desenvolvimento, especialmente nos países considerados emergentes. Esse artigo se propõe a refletir sobre uma alternativa de desenvolvimento cujas bases constituem vocações insuspeitas do nosso país, especialmente da região Nordeste: referimo-nos à criatividade e à inovação.

Os discursos sobre o desenvolvimento

As grandes e perigosas ilusões desenhadas pelo mito do desenvolvimento construído e defendido no decorrer do século XX têm sido foco de discussões e críticas nas últimas 3 décadas. Mas, sobre quais ilusões relativas ao desenvolvimento nos referimos? Para os discursos modernos, domina-se para transformar, acumula-se para enriquecer. Dessa forma, o desenvolvimento ora é associado

às imagens do poder, ora aos determinismos culturais.

Enquanto 'ética do fazer', constituída de apenas dois valores (um falso e um verdadeiro), o desenvolvimento foi reduzido a categorias meramente econômicas, que subestimaram, por exemplo, os papéis estratégicos da criatividade humana enquanto matriz produtora, ao mesmo tempo, de novas tecnologias, assim como de novas éticas, socialidades e solidariedades.

O pensamento binário esteve e, lamentavelmente, ainda se mantém presente em inúmeras interpretações sobre o desenvolvimento. O resultado é que a racionalidade do 'terceiro excluído' acabou retirando das representações do desenvolvimento tudo aquilo que nele não se conseguia medir, tudo que nele fosse da ordem do evanescente ou do imaterial (LEITÃO, 2009, p. 26).

Desenvolver, nesse caso, não significa somente construir obras de infraestrutura (tais como saneamento, estradas ou casas), mas passaria, sobretudo, a traduzir as reações e as intervenções dos indivíduos e das comunidades atingidos por esses benefícios, ou seja, a possibilidade de ampliar as interpretações acerca dos impactos (culturais, sociais, ambientais, entre outros) desses projetos com as comunidades e populações envolvidas.





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

Apesar das políticas sociais dos últimos governos, o Brasil continua sendo o campeão mundial em desigualdade social. Esse dado corrobora o cenário de ‘não desenvolvimento/desenvolvimento concentrador’.

Nossa mão-de-obra barata associada à abundância de matérias-primas, que já foi considerada um ‘atrativo’ para investimento estrangeiro, hoje revela as fragilidades de uma concepção de desenvolvimento que, decididamente, não produzirá prosperidade nacional. Seremos, enfim, capazes de apostar em novas formas de produção, em novos insumos, em novas profissões, em novos modos de viver?

Em um mundo não linear, não há como mantermos a crença em causalidades lineares e nem há como encorajarmos ‘esperanças evolucionistas’ entre povos considerados ‘subdesenvolvidos’. É o que afirma Rivero (2002, p. 133) acerca das chamadas Economias Nacionais Inviáveis (ENIs):

Os países subdesenvolvidos, que representam 75% da humanidade (4,8 bilhões de habitantes), têm apenas 7% dos cientistas e engenheiros do mundo, fazem menos de 2% do investimento mundial em pesquisa e desenvolvimento e produzem apenas 3% do software [...] metade deste minguado artesanal científico-tecnológico encontra-se concentrado em poucos países, como Cingapura, Hong-Kong, Malásia, Taiwan, China, Índia e, em menor grau, Brasil (RIVERO, 2002, p. 133).

Enquanto a demanda mundial de produtos e serviços tecnológicos aumenta 15% ao ano, a demanda de matérias-primas não chega aos 3%, com tendência ainda ao declínio. (RIVERO, 2002, p.133-134). Esses dados são reveladores, pois apontam para a força econômica da criatividade que, por sua vez, pode se transformar em inovação.

E o que dizer do nordeste brasileiro, que exemplifica historicamente o fracasso do mito do desenvolvimento? Rojas (2004, p. 9) afirma que alguns analistas chegaram a sustentar “[...] que o Nordeste é um verdadeiro ‘triângulo das bermudas’ onde toda tentativa para promover o desenvolvimento desaparece e onde o crescimento ‘não dá certo para o povo’”.

Os projetos assistencialistas, as ajudas internacionais são filhas diletas do mito do desenvolvimento. A criação de instituições de fomento, de programas, projetos, a transferência de recursos, a doação de equipamentos se mesclam com os sistemas oligárquicos locais que, em suas esferas política, social e econômica, vêm demonstrando, ao longo do tempo, capacidade de adaptação, renovação e continuidade. São exatamente esses sistemas oligárquicos que se nutrem do ‘não desenvolvimento’ das regiões mais pobres do país, do nordeste ‘sem saída’.

Barbero define quatro forças que





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

impulsionam o desenvolvimento: a organização flexível da produção; a difusão das inovações e do conhecimento; a mudança e adaptação das instituições e o desenvolvimento urbano do território (ROJAS, 2004, p. 22).

A interação entre essas forças produziria a necessária sinergia capaz de alavancar um desenvolvimento endógeno, capaz de nos fazer compreender os processos sociais que fundamentam os processos de acumulação econômica.

O desenvolvimento endógeno permitiria às regiões pobres e desiguais, como é o caso do nordeste brasileiro, uma nova alternativa de crescimento econômico, não mais construído de fora para dentro, mas resultado de uma dinâmica econômica local capaz de dialogar com o mundo. Ao mesmo tempo, esse desenvolvimento se fundamentaria em profundas raízes culturais, pois valorizaria éticas, socialidades e expressões culturais locais, necessárias, por sua vez, à consolidação de práticas cooperativas, ao crescimento da confiança entre indivíduos e grupos, além da proteção ao patrimônio cultural e ambiental dos territórios envolvidos.

As novas tendências acerca do desenvolvimento, disseminadas pelos organismos nacionais e internacionais de pesquisa econômica, lamentavelmente ainda não encontraram a necessária acolhida entre os governos das regiões

oprimidas economicamente, é o caso do nordeste brasileiro.

Ora, a região nordeste é reconhecida nacionalmente enquanto celeiro da criatividade brasileira. Seu potencial turístico, seu empreendedorismo no setor tecnológico, a riqueza e a diversidade de seu patrimônio material e imaterial exemplificam essa criatividade. Ironicamente, os governos não transformam essa criatividade em ativos estratégicos para suas economias e, desse modo, continua a ser reconhecida pelos seus baixos índices de desenvolvimento humano. A vocação da região nordeste para a produção de bens e serviços criativos não deveria ser reconhecida pelo Estado, concretizando-se em políticas e programas de fomento a essa nova economia?

Indústrias criativas: uma alternativa para o desenvolvimento regional

O tema 'indústrias criativas' está no foco das discussões de órgãos e comunidades internacionais, nos últimos anos, sendo destacado como estratégico para o crescimento e o desenvolvimento econômico e social de países desenvolvidos e em desenvolvimento, seja através da geração de emprego e renda, seja por meio da promoção da inclusão social, da diversidade cultural ou do desenvolvimento humano.

Desta forma, segundo a Conferên-





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

cia das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD (2008, p. 4), as indústrias criativas podem ser assim ser definidas:

[...] os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam a criatividade e o capital intelectual como principais insumos. Elas compreendem um conjunto de atividades baseadas no conhecimento e que produzem bens tangíveis e intangíveis, intelectuais ou artísticos, com conteúdo criativo, valor econômico e voltado para o mercado (UNCTAD, 2008, p. 4).

Os bens e serviços criativos são resultantes da interação existente entre aspectos econômicos, culturais, sociais e tecnológicos. E apesar do seu efetivo potencial de crescimento, alguns obstáculos vêm impedindo sua expansão: a baixa disponibilidade de recursos financeiros para o financiamento de negócios desta natureza; o baixo investimento em capacitação dos agentes atuantes na cadeia produtiva destas indústrias, agentes cuja atuação exige visão de mercado, de gestão de negócios e de conhecimentos técnicos e artísticos; pouca infra-estrutura no que se refere à distribuição e difusão dos bens e serviços.

Também o Brasil, reconhecido pela sua diversidade cultural e potencial criativo, sofre com todos estes obstáculos. Isso ocorre em função da ausência de formulação e implementação de políticas públicas de fomento à economia criativa, que promovam um choque de oferta a

partir, por exemplo, do apoio à profissionalização desses novos negócios, estruturação de infra-estrutura para a circulação e difusão de bens e serviços criativos, além da concessão de crédito como apoio ao investimento no setor.

O secretariado da UNCTAD (2008) vem afirmando que a economia criativa está em franca expansão, garantindo:

- Promoção e apoio à criação de novos negócios, trabalho e renda no campo das indústrias criativas;
- Promoção do fortalecimento de micro, pequenas e médias empresas do setor;
- Efetivação de mecanismos direcionados à consolidação institucional de instrumentos regulamentares;
- Apoio à alavancagem da *performance* exportadora;
- Apoio à maior circulação e distribuição de produtos e serviços;
- Ampliação de profissionais capacitados para a gestão, o empreendedorismo e a produção;
- Desconcentração regional na distribuição de recursos, promovendo um maior acesso a linhas de financiamento (incluindo o microcrédito);
- Geração de conhecimento e disseminação de informação;
- Ampliação do consumo.

O comércio é o componente-chave





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

neste modelo porque, em anos recentes, as indústrias criativas têm estado entre os mais dinâmicos setores no sistema de comércio global. As taxas de crescimento médio estão sendo alavancadas de modo mais rápido do que aquelas relativas aos outros serviços mais convencionais. Enquanto a taxa de crescimento de exportações mundiais totais elevou-se em 12%, no período de 2000 a 2005, a *performance* dos serviços criativos demonstrou dinamismo no mercado mundial, com um incremento médio de 8,7% no comércio internacional de bens e serviços. Apesar destes números, os índices relacionados ao fluxo comercial são variáveis e sazonais, em função de uma falta de padronização dos indicadores oficiais, o que impossibilita análises comparativas mais aprofundadas em nível global, dificultando a sinergia dos modelos desenvolvidos nos diversos países.

Desta forma, o debate internacional acerca de novas alternativas de desenvolvimento é resultante da combinação de uma série de fatores, dentre os quais merecem ser ressaltados (BOISIERS, 2004):

- As novas formas de produzir e comercializar bens e serviços por meio de organizações operando em rede, situadas em diferentes países e formando cadeias produtivas e comerciais globalizadas;
- A homogeneização de padrões culturais e de consumo, em escala

global, o que, de um lado, reforça o consumo de um conjunto de bens e serviços e, de outro, cria uma preocupação cada vez maior com a afirmação de identidades culturais, como forma de resistência à crescente homogeneização;

- A compreensão de que a melhoria da qualidade de vida também está relacionada na ampliação das oportunidades de realização pessoal e coletiva, na redução das desigualdades sociais e no respeito ao meio ambiente; e
- A convicção de que o desenvolvimento é um tema de interesse a toda a comunidade e de que só haverá desenvolvimento sustentável capaz de integrar crescimento econômico com bem-estar individual e social se houver a democratização das decisões e políticas.

Todos esses fatores acabam por produzir uma concepção de desenvolvimento que realça o papel decisivo das cidades e regiões, pois é nelas que vive a maior parte da população mundial e será em seu entorno que as pessoas e coletividades poderão concretizar seus anseios de melhores condições de habitar e viver.

Toda precaução é necessária para evitar conclusões equivocadas, frutos de meras análises estatísticas. É óbvio que analisar apenas alguns indicadores da





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

economia criativa não nos permite compreender toda a sua potencialidade, pois grande parte dessa economia é informal.

Se, de um lado, a maior parte das contribuições das organizações artísticas e criativas se origina dos direitos autorais, das licenças, das vendas e distribuições de conteúdos criativos digitalizados (através dos quais os dados são categorizados e comparados, permitindo análises confiáveis em nível global), de outro, temos que enfrentar o desafio de construir novas metodologias que nos permitam conhecer e dominar o universo da criatividade humana que, em muitos dos seus domínios, ainda permanece inexplorado.

Programa Nordeste Criativo: uma proposta de fomento à economia criativa

O 'Programa Nordeste Criativo' tem por objetivo criar estratégias de fomento às indústrias criativas da região nordeste, a partir da criação, implementação e desenvolvimento de dois projetos:

- 1) o Observatório das Indústrias Criativas do Nordeste, para o desenvolvimento de pesquisas de mapeamento da oferta e do consumo relativos à economia criativa, além da geração de conhecimento relativo aos mercados e tendências deste segmento econômico;
- 2) o Birô de Negócios Criativos, para

a estruturação de ambientes de promoção e fortalecimento da cadeia produtiva das indústrias criativas destinados a contribuir para o fomento de empreendimentos criativos sustentáveis. Os objetivos específicos foram construídos a partir de cada projeto constitutivo do Programa Nordeste Criativo.

Uma metodologia para o fomento da economia criativa no nordeste brasileiro

Poucas são as pesquisas, especialmente no Brasil, relativas às indústrias criativas. Por isso, o país se ressentido de um aprofundamento metodológico capaz de produzir informação e conhecimento nesta área, tratando-a, por conseguinte, como uma estratégia significativa de desenvolvimento.

Neste sentido, propomos no Programa Nordeste Criativo uma metodologia que, de um lado, define conceitos e classificações acerca das indústrias criativas, de outro, propõe estratégias para a pesquisa de campo, a partir desse referencial teórico.

Para tanto, tomamos a classificação das indústrias criativas propostas pelo segundo relatório da UNCTAD (2008), além dos conceitos, por nós elaborados, de 'território criativo' e de 'bacia criativa'.





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

Definição e classificação das Indústrias e das Bacias Criativas como fundamentos conceituais dos projetos do Observatório das Indústrias Criativas e do Birô de Negócios Criativos

Segundo o Relatório de Economia Criativa 2008 (UNCTAD, 2008), a economia criativa se constitui a partir de nove indústrias discriminadas em quatro categorias – patrimônio (vermelho), artes (verde), mídias (laranja) e criações funcionais (azul), conforme pode ser observado na FIG. 2, a seguir:



Classificação das Indústrias Criativas

Fonte: autores, 2009 baseado no Relatório da UNCTAD, 2008.

Onde pesquisar?

Chamamos, no primeiro momento, de ‘bacia criativa’ a unidade territorial na qual criatividade, éticas e estéticas se entrelaçam para produzir vivências e sobrevivências humanas. Numa perspectiva mais objetiva, uma bacia criativa constituiria um espaço privilegiado, o *locus*

fundamental do encontro entre o saber e o fazer cultural, tecnológico e ambiental para o desenvolvimento local/regional, com características, identificações e sinergias próprias.

Ela toma, de um lado, a metáfora das ‘bacias hidrográficas’ quando se refere aos inúmeros afluentes que desembocam em um grande leito que orienta e dá forma ao fluxo criativo de um território; de outro, das ‘bacias semânticas’, espécies de reservatório primordial que nutrem o imaginário das gentes.

Para propormos uma nova cartografia nordestina, através da identificação das bacias criativas, necessitamos, em um primeiro momento, definir alguns referenciais teóricos. O conceito de campo de Bourdieu (enquanto espaço social autônomo de produção, constituído de relações objetivas) é fundamental para o conceito de ‘bacia criativa’. Desse modo, uma ‘bacia criativa’, enquanto reservatório, simboliza o encontro entre vários afluentes, os diversos campos, os quais possuem propriedades e lógicas específicas:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

(BOURDIEU, 2009, p. 69).

Uma ‘bacia criativa’, enquanto *locus* de criação, distribuição e consumo/fruição de produtos ao mesmo tempo econômicos e simbólicos, abrigará em cada um dos campos que a compõem, estratégias de operação diversas, em função dos diferentes interesses associados às posições dos diversos atores nos mesmos.

Como, então, poderíamos identificar as ‘bacias criativas’ no nordeste brasileiro? Partimos da mesma referência cartográfica proposta pelo Ministério da Integração Nacional, quando define sub-regiões com diferentes graus de dinamismo, níveis de renda, relações de trabalho e índices de qualidade de vida.

A delimitação territorial considerada no Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste – PDNE (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2006) compreende diferentes sub-regiões de Planejamento (áreas-programa) e centros urbanos articuladores das redes de infra-estrutura, dos circuitos econômicos e dos sistemas hierarquizados de serviços públicos: Meio-Norte, Sertão Norte, Ribeira do São Francisco, Sertão Sul, Litorânea Norte, Litorânea Leste, Litorânea Sul e Cerrados.

Estas sub-regiões de planejamen-

to correspondem a áreas de atuação da Agência de Desenvolvimento do Nordeste – ADENE (BANDEIRA, 2004) que foram identificadas pelos critérios de localização geográfica e pela problemática econômica e social (refletida na renda domiciliar por habitante e na taxa de crescimento do PIB). As mesmas são articuladas pela rede de cidades, em cujas áreas de influência estão contidas. A caracterização das sub-regiões inclui também categorias relativas ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Produto Interno Bruto (PIB), atividades econômicas predominantes (cadeias e arranjos produtivos) e condições naturais.

Partindo-se das variáveis propostas pelo Ministério da Integração Nacional (BANDEIRA, 2004), acrescentamos novas variáveis à nossa pesquisa, as quais nos permitirão definir o que denominamos de ‘territórios criativos’:

- Densidade populacional (hab/km²);
- Densidade de produção, ou circulação, ou consumo de bens e serviços criativos; (festivais, mostras, festas, feiras, sítios culturais/ naturais, grupos artísticos, atividades artesanais, atividades turísticas, serviços criativos etc);
- Densidade institucional (educacional e de governança);
- Densidade sócio-econômica

Denominamos ‘territórios criati-





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

vos', os territórios que abrigam possíveis 'bacias criativas', ou seja, constituem os *loci* privilegiados de produção, difusão, distribuição e consumo de bens e serviços criativos. Neles serão identificadas as cadeias produtivas desta economia (empresas, empreendimentos), os profissionais, os órgãos políticos e de fomento, os canais de difusão e distribuição, assim como os consumidores de bens e serviços criativos. Elegemos, no nordeste brasileiro, a partir de uma primeira pesquisa exploratória, dez 'territórios criativos', a partir dos quais esboçaremos o *design* das respectivas bacias criativas.

A identificação destes territórios se deu a partir do levantamento de dados secundários, ressaltando-se a consulta aos institutos de pesquisa dos estados nordestinos (IBGE, 2007; MINC, 2009) entre outros sítios, periódicos e informativos de natureza sócio-econômica.

O mapeamento dos 'territórios criativos' ou das sub-regiões evidenciadas como pólos irradiadores criativos nos levará a delimitar as 'bacias criativas', assim categorizados:

- Sub-regiões urbanas / metropolitanas (Cidades/macroterritórios): definidos prioritariamente a partir da sinergia entre municípios.
- Sub-regiões interestaduais: definidos prioritariamente a partir da sinergia entre estados.

O Projeto do Observatório das Indústrias Criativas do Nordeste - OICNE - As diretrizes do OICNE

A arquitetura e o funcionamento do OICNE devem levar em conta sua natureza interdisciplinar, a necessidade de manutenção de um caráter plural em suas bases conceituais e em suas referências espaciais e temporais. Além da produção de conhecimento, o OICNE deve estar comprometido com a democratização do conhecimento e da informação para produzir a inclusão. Desse modo, deve primar pela transparência e a acessibilidade de seus meios e métodos.

O objeto

A economia criativa deve ser compreendida em toda a sua diversidade e dinamismo; daí a necessidade de criação de novas tipologias fruto dos cruzamentos entre produtos e serviços, novos modelos de criação e consumo, tão presentes hoje nas grandes cidades e regiões metropolitanas. Além da economia formal, tão característica da economia criativa, é necessário que o Observatório dê visibilidade a novas experiências criativas quase sempre invisíveis nas pesquisas tradicionais. Ao pesquisar a economia criativa no nordeste brasileiro, o OICNE parte das seguintes categorias: os arranjos produtivos (voltados à articulação, interação e cooperação entre diferentes atores sociais); as cadeias produtivas (voltadas à





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

produção e comercialização de produtos e serviços criativos); campo (espaço definido por sua estruturação segundo suas próprias leis de funcionamento e suas próprias relações de força);

Operacionalização do OICNE

Propomos a realização de uma primeira atividade de investigação do Observatório, qual seja a realização de um estudo para a realização de uma Cartografia das Bacias Criativas do Nordeste. Este estudo permitirá um conhecimento mais preciso da dinâmica dos agentes das indústrias criativas do nordeste, considerando-se tanto a oferta quanto o consumo de bens e serviços dessa economia. Suas etapas são descritas a seguir:

Etapa 1 - Planejamento da pesquisa

Etapa 2 - Realização e Supervisão Geral da Pesquisa de Campo

Etapa 3 - Compilação e tabulação dos dados coletados

Etapa 4 - Análise dos resultados

Etapa 5 - Elaboração dos produtos da pesquisa

O Projeto do Birô de Negócios Criativos - BNC

O Birô de Negócio Criativo é um braço de formação profissional e empreendedora para a economia criativa das bacias criativas nordestinas.

Linhas de atuação dos Birôs

- Empreendedorismo e gestão criativa
- Articulações Institucionais
- Difusão e Circulação de Produtos e Serviços Criativos
- Disseminação de Informações relativas às indústrias criativas

Considerações finais

Em tempos midiáticos, em que se desmoraliza o Estado diante das 'forças' do mercado, resgatemos, pois, os valores essenciais do Estado e repolitizemos os nossos discursos. Nós nos referimos aqui ao Estado que é capaz de verdadeiramente ver, ouvir e captar os desejos, os talentos e as necessidades dos brasileiros, e por isso possuiria legitimidade para liderar a formulação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento.

Ao percorrermos o pensamento social brasileiro, observamos que a imensidão do nosso território é quase sempre considerada um obstáculo para o nosso desenvolvimento. As regiões norte e nordeste representam para o imaginário de nossas elites o país ingovernável, o objeto de nossos constrangimentos históricos, de nossas maiores mazelas sociais.

As narrativas de brasilidade têm produzido, historicamente, representações negativas sobre os sertões, ora per-





Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

cebidos como desertos, ora como espaços produtores de desagregação, atraso e inviabilidade para o país. De um lado, os sertões parecem desmoralizar as tarefas da República, de outro, não suscitam os interesses do mercado.

Por outro lado, no litoral serão produzidos os discursos dominantes sobre a nacionalidade brasileira, discursos historicamente fundadores das oposições entre o arcaísmo do sertão e o progresso da costa. Todas essas construções acerca do nordeste brasileiro não são ingênuas, mas representam interpretações interessadas na manutenção de uma nação desigual marcada pelos contrastes avassaladores entre indivíduos, comunidades, cidades e regiões.

O Programa Nordeste Criativo vem contribuir para a construção de um novo pensamento sobre o nordeste brasileiro. De um lado, a criação de um Observatório das Indústrias Criativas se propõe a identificar nosso manancial criativo, do outro, os Birôs de Negócios Criativos objetivam consolidar as cadeias produtivas da criatividade, enfatizando a profissionalização de empreendedores, a formação de gestores, a construção de novas competências para os atores do campo criativo. Trata-se enfim de se construir e consolidar uma nova cidadania pelo viés da criatividade. Esse é o desafio.

Referências bibliográficas

- BANDEIRA, P. S. *As mesorregiões no contexto da nova política federal de desenvolvimento regional: considerações sobre aspectos institucionais e organizacionais*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, 2004.
- BOISIER, S. *E se o desenvolvimento fosse uma emergência sistêmica?* in.: ROJAS, P. A. V. *Desenvolvimento endógeno: um novo paradigma para a gestão local e regional*. Fortaleza: IADH, 2004.
- BOURDIEU, P. *Poder simbólico*. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRASIL. Ministério da Cultura. *Caderno "Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura"*. 2. ed. Brasília: Minc, 2008.
- _____. Ministério da Cultura. *Cultura em números: anuário de estatísticas culturais 2009*. Brasília: Minc, 2009.
- _____. Ministério da Integração Nacional. Agência de Desenvolvimento do Nordeste – Adene. *Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste - Desafios e Possibilidades para o Nordeste do Século XXI: Versão para discussão*. Recife: Adene, SDR/DPR/SDR, 2006. Disponível em: <http://integração.gov.br/desenvolvimentoregional/publicações/pdne.asp>. Acesso em: 12/08/2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Perfil dos municípios brasileiros: cultura 2006*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.





Grupo de Trabalho 02

Indústria Cultural na América Latina e Políticas Culturais

____. *Noções Básicas de Cartografia*. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/indice.htm. Acesso em 8 de set. 2009.

LEITÃO, C. S. *Cultura e municipalização*. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

RIVERO, O. de. *O mito do desenvolvimento: os países inviáveis no século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ROJAS, P. A. V. *Desenvolvimento endógeno: um paradigma para gestão local e regional*. Fortaleza: IADH, 2004.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT - UNCTAD. *Creative Industries Report 2008*. Disponível em: http://www.unctad.org/en/docs/ditc20082cer_en.pdf. Acesso em: set. 2009.

